352

ENCOMIO POETICO

AO

ILLUSTRISSIMO, E EXCELLENTISSIMO SENHOR

D. MARCOS DE NORONHA,

CONDE D'ARCOS,

SENDO ELEITO

GOVERNADOR, E CAPITÃO GENERAL

DA BAHIA.

Por Fr. Francisco de Paula Santa Gertrudes Magna, Monge Benedictino: e dado á luz por hum seu amigo.

RIO DE JANEIRO.
NA IMPRESSÃO REGIA.
1812.
Com Licença da Meza do Desembargo do Paço.

QUE sonoro clamor, que som jucundo
Será este, que atroa, e espanta o mundo?
Que aligera Matróna tão formosa
He esta, que diviso magestosa?
Sobre os Euros voando accelerada,
De auriferas perpetuas coroada?
Da linda côr do Ceo toda vestida,
Com brancas niveas azas guarnecida?
O rosto alegre, a roupa fluctuante,
E na dextra o clarim altisonante? 10
AH! sim, tu és, oh bella, oh cara Fama.
Vinde, povos, correi: ella vos chama:
Escutai os louvores, que publica;
Pois a tuba sonora á boca aplica.
Admirai (vos diz ella em tom valente)
O mimo, que vos manda o Ceo clemente.
O Varão, a quem deo com primasia
O regimen excelso da Bahia,
He hum sabio politico profundo,
Bem capaz de reger, dar leis ao mundo, 20
Hum Aulico varão de probidade,
Que aceitando das mãos da Magestade

As redeas dos Governos mais honrosos
Se ostentou em mil feitos gloriosos
Integerrimo, heroico, astuto, activo,
De si mesmo senhor, das leis captivo.
Hum constante sequaz da recta Astréa,
Em cujo coração arde, e se atêa
Do bem publico o zelo abrasador,
Hum prudente, efficaz Governador, 30
Que o feio crime pune com prudencia,
Ouve os tristes gemidos da innocencia,
Quebra a espada homicida, o impio aterra,
Da calumnia mordaz a boca cerra,
Prende as avidas mãos do latrocinio,
Calca aos pés o damnoso patrocinio,
E com altas, sublimes providencias
Ás Artes estimula, anima as Siencias,
Uteis planos na mente excelsa traça
Do Commercio os canaes desembaraça, 40
Augmenta as produções da Agricultura,
E grangêa ao Paiz alta ventura.
He dos povos hum terno bemfeitor,
Dos Tribunaes fiel moderador,
Que, regrando a legal auctoridade
Pela recta balança da equidade,
Cinge a Corôa á virtude, enfrea o vicio,
Faz a terra ditosa, o Ceo propicio.
He o Conde Illustrissimo dos Arcos
O magnanimo, o inclyto Dom MARCOS... 50
Aqui a Fama a voz tanto forçou,

Que entre as mãos a trombeta lhe estalou.
Mas que Genio, que Vate sublimado,
Na Castalia corrente inebriado,
Cantar póde hum louvor assás honroso
A tão sublime Heroe, tão glorioso?
Ah! Que não tenha eu a melodia,
Com que o Tracio Cantor penhas movia!
As indomitas feras amansava,
Os troncos, e montanhas arrastava! 60
Altos muros, Cidades erigia,
E no horrido Averno suspendia
A tristeza, o terror, a confusão!
Mas se hum simples furor, se a indignação
Promptos versos dictou a hum Juvenal;
Não fará hoje em mim effeito igual
O justo amor de hum merito sublime,
Que da Fama o clarim ao mundo exprime?
Sim, afoito a meu plectro a mão lançando,
E sem timido pejo a voz soltando, 70
Como ecco da Fama eu principio
Do grande Heroe o debito elogio.
Se hum prudente Varão, que assim governa,
Se faz digno de gloria sempiterna,
E ter deve por seu merecimento
No Templo da Memoria hum alto assento,
A par desses Heroes, raios de Marte,
Que por terra, ou por mar, em toda a parte,
Animosos por entre mil perigos,
Arrostando da Patria os inimigos, 80

Com Mavorcio valor os derrotarão,
E com gloria o seu nome abrilhantarão:
Se das Musas o canto mais pomposo,
E da Patria o louvor mais glorioso
Gozar deve hum Heroe justo, e prudente,
Que os povos rege sabia, e destramente;
Vós, Musas immortaes, Estros divinos,
Vinde, vinde inspirar-me excelsos hymnos,
Que engrandeção, que elevem com espanto
O sublime Varão, que eu hoje canto. 90
E vós, divino Apollo, ardente Nume,
Que os Vates inflamais no sacro lume:
Vós, auctor da canora Poesia
(Arte excelsa, que em metrica harmonia
Com brilhantes, altissimos conceitos
Dos Heroes eternisa os grandes feitos,
E co' magico assento dos seus hymnos
Os caducos mortaes torna divinos)
Prestai-me o vosso plectro harmonioso,
Com que possa cantar o nome honroso 100
Deste Chefe exemplar nos seus governos,
Que o Ceo já destinou para reger-nos.
Mas que scena brilhante se me off'rece!
Que Deidade a meus olhos apparece!
Apollo de Camenas rodeado,
N' hum carro brilhantissimo, tirado
Por valentes Frisões, socios de Ethonte,
Lá desce do Castalio, excelso monte,
A sacra eburnea lira temperando:

Sobre o nosso horizonte vem marchando. 110
Oh como vem tão bello, e tão risonho!
Mas que vejo! Que he isto? Será sonho?
Não, não he illusão, não he engano.
Das Camenas o Nume Soberano,
Chegando a mim com gesto gracioso,
Sustendo o veloz carro luminoso,
Me entrega o Tetracordo temperado;
E deixando Calliope a meu lado,
Ao Pindo se recolhe velozmente,
Seguindo a lactea via refulgente. 120
Que dita o Sacro Apollo me segura!
Calliope a meu lado... Oh que ventura!
Vinde, vinde, pacificos Bahianos,
Restos nobres de antigos Lusitanos,
Vinde entoar comigo hum novo canto,
Que os dous Orbes atroe, encha de espanto.
Eis a lira celeste, aurea, e sonora
Desse Deos immortal, que o Pindo adora:
Ao som de tão melodico instrumento
Cantai o singular merecimento 130
Desse Conde, exemplar de humanidade,
Do Throno arrimo, espelho da equidade,
Da Nobreza esplendor, da Patria lustre,
Que as virtudes herdou com o sangue illustre
De seus Avós preclaros tão famosos,
Dos inclitos Noronhas gloriosos,
Que abrangem por divisa em seus brasões
Arrogantes castellos, e Leões

Como prole antiquissima, e Real
Dos Monarcas de Hespanha, e Portugal, 140
Stirpe excelsa de Heroes recem-laçada
Com a egregia Familia celebrada
Nos fastos Hespanhoes, e Portuguezes,
Com a inclita Prole dos Menezes;
Cujo sangue por feitos illustrado,
Nos seculos remotos dimanado
Do alto, e Regio Solio de Leão,
Concorrendo enlaçado em geração
Com o Sangue preclarissimo, e Real
D'altos Reis de Navarra, e Portugal, 150
Ostentou seus influxos poderosos
Nos grandes Marialvas façanhosos,
Como a Hespanha assombrada vio mil vezes
No bravo Dom Antonio de Menezes,
Varão inseparavel da victoria,
Que o Reino Luzo encheo de immensa gloria,
Heroe, a cujo nome poderoso
Teme o Hispano inimigo inda medroso;
Pois mil vezes na horrida Campanha
A cerviz abateo da altiva Hespanha: 160
Já, qual raio veloz devastador,
Rompendo as linhas d'Elvas com valor,
E ganhando a campal, feliz victoria
Que seu nome esmaltou de eterna gloria:
Já tomando de assalto em arduas guerras
A Valença de Alcantra, e varias terras:
Já c'roando seus meritos preclaros

Na victoria alcançada em Montes daros,
Onde a Hespanha orgulhosa em fim vencida,
Suas armas depôz esmorecida. 170
Mas em vão, Musa minha, as azas bates,
Se numerar pertendes os combates,
Em que as palmas colherão da victoria
Este, e outros Avós de eterna gloria,
Que o Tempo assolador aos pés calcando,
E da Parca inflexivel triunfando,
Sobre as azas do grande, e heroico exemplo
Subirão da Memoria ao sacro Templo.
Deixa, Musa, do Conde a gloria herdada
Da sua alta Ascendencia abrilhantada: 180
Não, não firmes jámais os teus louvores
Nas façanhas de seus Progenitores;
Que o illustre brasão das grandes almas
Não se deve tecer de herdadas palmas;
Nem o nobre esplendor do nascimento
Prestar póde immortal merecimento.
A mesma voz da candida verdade
Altamente nos grita, e persuade,
Que se o Nobre por si nada merece,
Quanta mais honra herdou, mais se invilece, 190
Que sem virtude a egregia Fidalguia,
A pezar da vã pompa, e da ufania,
Com que a plebe grosseira, e rude assombra,
Tem menos realidade, do que a sombra:
Esta ao menos he hum nada, que se vê;
Parece alguma coisa, e nada he:

Mas a herdada Nobreza sem virtude,
Que os esquentados cerebros illude,
He hum nada enganoso, hereditario,
Só visivel no mundo imaginario. 200
Em bora exaltem outros a grandeza
Dos soberbos fantasmas de nobreza,
Desses Grandes do mundo, semelhantes
A'quelles altos montes arrogantes,
Sempre inuteis, estereis, sem cultura,
Que de grandes só tem a enorme altura;
Rudes massas bem dignas de desprezo,
Que a terra opprimem sempre com seu pezo,
E tornão com a sombra infructuosos
Os seus proximos valles espaçosos. 210
Eu jámais louvarei os brazões futeis
De algum desses varões á Patria inuteis,
Que á sombra de seus troncos elevados,
No regaço da inercia reclinados,
As frontes cingem de vetustos louros,
E da Patria desfructão mil thesouros,
Graças, Titulos, honras, e favores,
Merecidos por seus progenitores.
Durmão pois no profundo esquecimento
Os Illustres Varões por nascimento, 220
Que devendo deixar exemplos raros
D'altos feitos, de meritos preclaros,
Que resistão da Parca ao duro corte;
Não deixão mais, que pó nas mãos da Morte.
Eu canto hum Conde Illustre, egregio, inteiro;

Nos Governos Heroe, de Heroes herdeiro,
Que se Grande sahio por nascimento,
Maior se fez por seu merecimento.
Sólta, Musa canora, os teus louvores,
Falla : mas não : suspende os teus clamores. 230
Falle o grande Pará, que inda saudoso
Do seu justo governo precioso,
Inda chora, e lamenta inconsolavel
A sua infausta perda irreparavel;
Conservando nos gratos corações
Mil bellos monumentos, mil padrões,
Erguidos a tão caro bemfeitor
Pelas mãos do mais grato, ardente amor,
Monumentos mais fortes, mais seguros,
Que os jaspes, que os metaes, que os bronzes duros. 240
Falle a Corte Real Americana,
Hoje assento da Crôa Lusitana,
Que ao clarão da lucifera exp'riencia
O vio mover com zelo, e com prudencia
A fulminante espada da Justiça,
Cortar da horrenda hydra da cubiça
As avidas cabeças pululantes,
Derribar torpes vicios dominantes,
E vellar pelo publico socego,
Mostrando-se em tão alto, honroso Emprego 250
O mais bello exemplar dos Vice-Reis,
Eficaz zelador das Patrias leis.
Cante em fim seu louvor em tom jucundo

A Lisia, o Portugal, o novo Mundo,
Onde brilhando voa, e se derrama
Sobre as azas altisonas da Fama
O Nome de hum Heroe tão exemplar,
Que no governo vem resuscitar
As virtudes heroicas, eminentes,
Que ostentarão seus nobres Ascendentes: 260
O Quarto, o preclarissimo Dom MARCOS,
Sexto Conde, com Titulo dos Arcos,
Varão douto, politico profundo
Capaz de dirigir os Reis do mundo;
E o nobre Dom Rodrigo de Menezes,
Honra, e gloria dos Grandes Portuguezes,
Varão digno do credito immortal
Q'inda tem nesta vasta Capital,
Onde restão brilhantes monumentos
Da piedade exemplar, zelo, e talentos, 270
Que tanto no governo o distinguirão,
E de esplendida gloria o revestirão.
Alegra-te, Bahia, exalta a frente;
Pois verás em teu seio brevemente
Hum Heroe, que reune os altos meritos
De tantos Ascendentes benemeritos.
Já do Throno emanou a escolha justa,
Já o Conde osculou a Mão Augusta.
A Lisia Americana o vio saudosa,
Entrar na Regia Não, que já vaidosa 280
C'o thezouro riquissimo, que encera,
O curvo o ferro guinda, larga a terra.

E já soltando aos Euros todo o panno,
Vem sulcando esse tumido Oceano,
Que debaixo da curva, e ferrea quilha
Co' pezo deste Heroe geme, e se humilha.
Mas que ouço? Que salvas estrondosas
Retumbão nestas margens espaçosas?
Alviçaras, Bahia; que he chegado
O teu Governador tão suspirado. 290
Já na barra se avista a Náo possante,
E sobre o mastro a flamula volante:
Já os Fortes por bocas de canhões
O salvão com belligeros trovões.
Ao crebro trovejar do bronze ardente
Acode alvoroçada a incauta gente.
Que scena já diviso tão vistosa
Nesta vasta Metropole famosa!
Exultão com razão seus habitantes;
O prazer resplandece nos semblantes. 300
Que novo, que geral contentamento!
Tudo vejo em acção, em movimento:
Soão vivas, repiques festivaes,
Ouço caixas, trombetas Marciaes,
A cujos valentissimos accentos
Marchão destros, armados Regimentos,
Formados em bellissimas fileiras,
Arvorando as belligeras bandeiras.
Já concorre o Senado com presteza,
O Clero, os Magistrados, a Nobreza 310
A receber com splendido aparato

O Conde excelso em tão plausivel acto.
Já corre o povo á praia furioso
A ver o novo Chefe tão famoso,
Que em brilhante escalér já fluctuando
A' ribeira espaçosa vem chegando.
Apenas salta em terra, me parece,
Que logo o vicio esqualido estremece;
Que o solido immortal merecimento
Ergue a fronte humilhada, cobra alento, 320
Descobrindo o Mecenas mais zeloso
Nesse Chefe illustrado, e poderoso,
Que entrando vem com vivas festivaes
Ao travez das fileiras Marciaes.
Que alegre comitiva tão pomposa
Adorna a sua entrada gloriosa!
Apoz delle empunhando a nua espada
Vem marchando a Policia desejada.
Com ar severo, e passo magestoso
Vem Minerva, qual astro radioso 330
As luzes das sciencia derramando,
E com vivos fulgores dissipando
Da profunda ignorancia a noite escura;
A seu lado lá vem a Agricultura
Coroada com mimosas, lindas flores,
Offertando risonha aos moradores
Doces fructos, que a terra amena cria.
A Prudencia, que o Conde excelso guia
A Palacio já chega: e por cautela,
Qual vigilante astuta sentinela, 340

A's virtudes entrada livre deixa:
Mas com provida mão as portas fecha
A' lisonja, ao suborno, ao despotismo,
A' mole impunidade, ao fanatismo.
A vil adulação vendo-se expulsa,
Logo ardendo em furor, brava, e convulsa,
Dos frivolos adornos se despoja,
E por terra iradissima os arroja.
O suborno, ministro da cubiça;
E fatal corruptor da sã Justica, 350
A' vista de tão recto, e justo Conde,
Deixando os Tribunaes, triste s'esconde.
Astréa, que banida se supunha,
Erguendo a fronte airosa, a espada empunha,
Sustentando na mão com segurança
A legal, e rectissima balança.
A solicita Industria vigorosa,
Pondo a inercia em fugida vergonhosa,
Desvelada correndo por mil partes,
Uteis fabricas ergue, anima as artes, 360
Como astuta, engenhosa directora:
Ao som da sua voz despertadora,
O ocio inerte, filho da preguiça
Do somno despertando s'espreguiça,
E gemendo se esconde na espessura,
Deixando os ferteis campos sem cultura.
Tudo toma hum aspecto mais brilhante
No sublime Governo dominante...
Mas aonde por mão archipotente

Me vejo arrebatado incautamente? 370
Que Ninfa de immortal, gentil belleza,
Na mão levando a nivea tocha acceza
Por entre pavorosa escuridade,
No Templo me introduz da Eternidade?
Ah! sim, tu és, tu és, linda Amalthea,
Sybilla Oriental, casta Cuméa,
Que a meus olhos, rasgando o véo escuro,
Me aprezentas no quadro do futuro
A grande Sotteropole famosa
Gozando a idade d'oiro preciosa, 380
Cantada por mil Vates eminentes
Em seus versos canoros, eloquentes.
Oh que emblemas no quadro edificante
Diviso á luz da tocha scintilante!
Ali vejo Bellona furiosa,
Preza ao carro da paz victoriosa,
E de hum lado a Policia dominante,
Conduzindo com pompa triunfante
Pela dextra a risonha Urbanidade.
Mais ao longe a brutal Barbaridade, 390
Fugindo de temor com passo incerto
A entranhar-se nas brenhas de hum deserto,
De outro lado o Commercio enriquecido,
De roçagante purpura vestido,
Entornando com seu robusto braço
Da Bahia no candido regaço,
A curva Cornucopia de Amalthea,
Do mais puro, estimavel oiro cheia.

No centro do painel, que se m'offrece,
Vejo á vivida luz, que me esclarece, 400
Os Bahianos polidos já contentes
Engolfados em brincos innocentes,
Desfructando a mais doce liberdade
Entre os braços da amavel sociedade.
Huns á sombra dos troncos mais frondosos
Comendo bellos fructos saborosos,
E com liquido nectar deleitavel
Mil saudes fazendo ao Conde amavel.
Outros juntos nas placidas campinas
Já tecendo-lhe C'roas de boninas, 410
Já cantando á porfia os seus louvores,
Levando até ás nuvens seus favores
Sobre as azas sonoras da harmonia
Nos mais vivos transportes de alegria:
Todos abençoando com ternura
O benefico auctor de tal ventura.
Vejo em fim... Mas que Velho venerando
Nos penetraes do Templo vem entrando?
Com habitos de Cynica pobreza,
E na mão a lanterna traz acceza? 420
Será este o Diogenes famoso,
O Cynico arrogante, que orgulhoso
Aos pés calcava o fausto de Platão?
Sim he elle, que o palido clarão
Da esqualida lanterna levantando,
Com Estoica irrisão vem contemplando
Dos guerreiros Heroes mais valorosos

Os celebres triunfos sanguinosos,
Pintados por destrissimos pinceis
Nesses amplos, magnificos paineis, 430
Que guarnecem de pompa respeitavel
As paredes do Templo veneravel.
Já perto vem de mim com ar Estoico:
Já vê com reflexão do Conde Heroico
O regimem benefico, espantoso
No quadro do futuro mist'rioso:
Mas apenas no alto do painel
Vê do Conde o retrato mais fiel;
Exclama, em alegria transportado,
Eis o homem por mim tão procurado! 440
E curvando a cabeça reverente
De hum sopro a luz apaga de repente.
Aqui tudo a meus olhos se escurece,
Toda a grata visão se desvanece.
O' bom Conde, que bens tão preciosos
Augurais aos Bahianos venturosos!
Oh mil vezes feliz, ditosa gente,
A quem o Ceo envia hum tal prezente!
Tomai pois nessas mãos industriosas
As redeas do governo magestosas. 450
Não pareis na carreira edificante,
Em que a passos veloces de gigante,
Correis ao Sacro Templo da Memoria
Coberto de brilhante, immensa gloria.
Realisai, pr'enchei os grandes planos,
As bellas esperanças dos Bahianos,

Que sensiveis a tantos beneficios
Lá nos tempos vindouros mais propicios
Taes padrões ergueráõ á vossa gloria,
Q' immortal vos faráõ na Lusa historia: 460
E por bocas de egregios Oradores,
Da eloquencia espargindo os resplandores,
Levaráõ vosso nome á Eternidade
Sobre as azas da candida verdade;
E se faltão do Pindo altos Cantores,
Que vos possão tecer dignos louvores;
A gratidão fecunda dos Bahianos
Creará Vates destros, soberanos,
Que nas chamas de Apollo radioso
Accendendo o seu facho luminoso, 470
Faráõ patente aos olhos das Nações
O quadro magestoso, e verdadeiro,
Que de espanto encherá o mundo inteiro.
Eu mesmo em refulgentes, gratos hymnos
Vossos feitos de eterno aplauso dignos
Cantando espalharei por toda a parte,
Se a tanto me ajudar engenho, e arte.